

MOISÉS DE LEMOS MARTINS & ISABEL MACEDO

moisesm@ics.uminho.pt; isabel.macedo@ics.uminho.pt

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE
(CECS), UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

CULTURAS, MÉDIA E IDENTIDADES: NOTA INTRODUTÓRIA

Pensar o humano, hoje, requer que prestemos uma particular atenção à condição tecnológica da época e à globalização. As tecnologias da informação e da comunicação constituem as condições de possibilidade e de existência do mercado global, pelo que a globalização é, antes de mais nada, uma realidade associada à condição tecnológica deste tempo e tem uma natureza preponderantemente económico-financeira. Aconteceu, entretanto, que todas as coisas deste mundo, bens, corpos e almas, foram apanhadas no vórtice da mobilização tecnológica, tomando como modelo a ideia de mercado. Em conclusão, para todos os aspetos da vida exige-se que sejamos competitivos e empreendedores, e que trabalhemos em permanência para uma qualquer estatística e para um qualquer ranking (Martins, 2010).

A cultura não pode ser pensada fora deste movimento de mobilização tecnológica (Martins, 2015). Em todas as suas práticas, o mundo é hoje mobilizado por tecnologias, sobretudo por plataformas móveis de comunicação, informação e lazer (*iPads*, tablets e smartphones), e também por novas formas de interação social (entre as quais, as redes sociotécnicas), e ainda por modelos emergentes de interação (como, por exemplo, as aplicações e os videojogos). Neste contexto, tem sentido falarmos de identidades transculturais e transnacionais (Martins, 2018a). E ser europeu ou ser lusófono não pode deixar de assinalar uma condição transnacional e transcultural da cultura, que torne possível o desenvolvimento de imaginários comuns, ou seja, uma partilha de sonhos coletivos (Martins, 2018b, 2018c, 2019).

Cingindo-nos ao espaço dos países da língua oficial portuguesa e das suas diásporas, podemos dizer que acolher e enfrentar o desafio transcultural e transnacional lusófono, que atualmente nos é colocado pelas

tecnologias da informação e da comunicação, consiste em fazer uma circum-navegação por lugares hipermediados, por pontos onde a mediação tecnológica favorece estados imersivos, deslocações geográficas, trocas sociais, travessias sensoriais e evasões imaginárias (Martins, 2018b). Mas o que é facto é que hoje todos os espaços do quotidiano se tornam híbridos, ao constituírem-se como objetos técnicos, produzidos tecnologicamente, sejam eles os cinemas, os teatros e outras salas de espetáculo, as estações de comboio, as estações de correio, os aeroportos, os museus, as bibliotecas (Martins, 2011/2012).

Entretanto, o imaginário comum a desenvolver universalmente constituiu-se como um combate a travar pela diversidade, no que respeita à ordenação simbólica do mundo, um combate tornado possível pelas redes transculturais e transnacionais de conhecimento, onde se faz, ao mesmo tempo, não apenas a abertura do mundo à diversidade das línguas e das culturas, como se colocam os problemas da língua e da cultura hegemónicas, e também da subordinação política, científica, cultural e artística de todas as outras línguas e culturas (Martins, 2018c).

Ao longo das últimas décadas, um alargado número de investigadores tem feito das relações interculturais lusófonas o seu principal objeto de estudo. Mas o debate sobre as relações interculturais lusófonas estende-se a muitos outros atores sociais, desde escritores a artistas, bloguistas e ativistas digitais. No que diz respeito ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), é conhecida a linha de investigação que, há mais de duas décadas, tem trazido para a boca de cena académica o debate sobre as relações transnacionais e transculturais lusófonas¹. A ideia de lusofonia, que é um conceito cheio de possibilidades e de não menos equívocos, bem como o papel da língua portuguesa no processo de (re)construção identitária de comunidades nos países de língua oficial portuguesa, têm constituído o objeto de um alargado debate (Couto 2009; Hanna, Brito & Bastos, 2011; Lourenço, 1999; Martins, 2015; Martins, 2004, 2017; Namburete, 2006; Ngomane 2012). Pode dizer-se que a ideia de lusofonia tem, numa perspetiva teórica pós-colonial, uma genealogia e uma história. Podemos discuti-la, de acordo com vários pontos de vista, todos relacionados com a identidade cultural dos países de língua portuguesa (Martins, Cabeinhas, Macedo & Macedo, 2014). Aprofundar este ponto de vista significa

¹ Investigadores do CECS participaram na organização de todos os congressos lusófonos de Ciências da Comunicação (Lusocom), o primeiro dos quais se realizou em Lisboa, em 1987. Estiveram também na fundação, em 1988, da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, em Aracajú (Sergipe, Brasil). E em 1999 organizaram, em Braga, o III Lusocom.

centrarmo-nos no estatuto social da língua, o que nos conduz a considerar o Inglês como língua dominante.

Mas são vários os desafios que os grupos de investigação lusófonos têm de enfrentar num mundo global dominado pelos paradigmas anglo-saxónicos. Centrar a atenção na língua significa considerá-la, todavia, como manifestação cultural, expressão do pensamento, espaço relacional e instrumento de organização simbólica do mundo. Um tal entendimento coincide com a perspetiva pós-colonial da cultura, que interroga a dominação, submissão, subordinação e controle das periferias, minorias, diásporas, migrantes e refugiados (Martins, 2019).

Sendo o mundo contemporâneo essencialmente intercultural e transcultural, o debate sobre a lusofonia obriga a pensar os fenómenos comunicacionais nestes exatos termos. Sousa (2018) considera que a maior parte dos estudos sobre a lusofonia se tem centrado na análise das suas dimensões simbólicas, assim como das estruturas políticas e económicas lusófonas, de cima para baixo. A seu ver, a academia não tem dado especial atenção à proliferação de micro-comunidades, que se autodenominam de lusófonas. Ainda segundo a autora, as associações, redes e entidades lusófonas estão em claro desenvolvimento, observando-se dinâmicas lusófonas em diversas áreas sociais, designadamente na cultura, saúde, direitos humanos, academia, etc.). Sousa acrescenta que a existência política da comunidade política lusófona não explica, por si própria, a crescente vitalidade destes movimentos, redes e associações lusófonas, argumentando que através da linguagem as comunidades são permanentemente reconstruídas, podendo ou não estar articuladas com os objetivos da comunidade política lusófona. A lusofonia é, nesta perspetiva, uma construção política, formalmente reconhecida em 1996 como Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Mas é, também, uma comunidade plural em rápida metamorfose.

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação em muito têm contribuído para as transformações que se observam nos países lusófonos. A comunicação é hoje um fenómeno profundamente vinculado à expressão e definição das culturas contemporâneas, afetando todos os domínios da vida em sociedade nos países de língua oficial portuguesa. Tanto nas relações interpessoais como nas dinâmicas de grupo e de comunidades, a comunicação e os média tornaram-se agentes de construção e reconstrução, social, histórica, económica, política e cultural. São, no caso das comunidades lusófonas, interfaces de expressão identitária e comunicação intercultural (Cabecinhas & Cunha, 2017; Martins, 2018b). O

cruzamento de olhares, o confronto de ideias, a construção de argumentos e reflexões sobre o passado e o presente das lusofonias, assim como o papel dos média neste processo, estiveram, por isso, no cerne do debate realizado na Universidade do Minho em 2017 e que dá origem ao presente Livro de Atas, reunindo os textos completos das comunicações apresentadas ao “III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia”.

Este congresso veio, pois, reforçar um debate presente no CECS há mais de duas décadas e que teve expressão pública no “III Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação” (1999); no “Seminário Comunicação e Lusofonia” (2005); no congresso “A Comunicação Social e os Portugueses no Mundo” (2006); e também no “Congresso Interfaces da Lusofonia” (2013). Este intenso debate científico sobre a lusofonia teve continuidade, ainda em consórcio com o CECS, no “IV Congresso sobre culturas”, realizado em 2018, na Universidade do Recôncavo (Bahia), assim como no “Congresso sobre Cultura e Turismo”, realizado também em 2018, na Universidade Politécnica de Maputo. E será objeto do congresso que vai ocorrer, em novembro de 2019, na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, subordinado ao tema “Que cultura(s) para o século XXI?”.

Organizado em sete grupos temáticos, o presente volume explora um variado leque de problemáticas atuais na área das culturas: “Arte e cultura visual”; “Comunicação, moda e estilos de vida”; “Cultura e desenvolvimento”; “Estudos pós-coloniais e lusofonias”; “Mídia, diversidade e cidadania”; “Saúde, cultura e mídia” e “Universidade, transferência de conhecimento e cultura da empresa”.

Na secção “Arte e cultura visual” são apresentados sete textos que exploram expressões artísticas como a dança, o cinema, o design e os jogos de vídeo. A sustentabilidade é o tema central dos seis textos que integram a secção “Comunicação, moda e estilos de vida”. Discutindo temas como estilos de vida sustentáveis, a ressignificação artística de elementos de culturas tradicionais, as mudanças climáticas, a indumentária e os adornos corporais, os autores propõem formas atuais de sustentabilidade artística, cultural e ambiental. A sustentabilidade é também um tópico de preocupação nos textos que constituem a secção “Cultura e desenvolvimento” (10 textos), que inclui reflexões sobre os discursos da ONU e da Unesco sobre o tema, bem como sobre o desenvolvimento sustentável na área do turismo, da economia criativa, do mercado digital e das tradições culturais populares. Esta secção apresenta ainda reflexões sobre o som e experiência em instalações artísticas, sendo ainda abordada a questão da temporalidade na imagem e na comunicação. Com um total de nove textos, na secção

“Estudos pós-coloniais e lusofonias” dá-se conta de uma vasta discussão sobre o papel da língua, da literatura e dos média na (re)construção de imaginários, memórias e identidades sociais. “Mídia, diversidade e cidadania” é o mote da secção seguinte, com 11 textos, que exploram uma variedade de temáticas, entre elas, questões relativas ao género, o papel dos média na vida política e, em particular, o papel do jornalismo, da televisão, da publicidade, e também dos movimentos sociais e do público, na construção de identidades e memórias. A saúde constitui o tópico de discussão na secção seguinte – “Saúde, cultura e mídia” – onde são apresentados textos que cruzam este tema com a educação, o consumo e o desporto. A última secção deste *Livro de atas*, com a designação “Universidade, transferência de conhecimento e cultura da empresa”, reúne três trabalhos que abordam os temas da cultura organizacional, da comunicação estratégica e da responsabilidade social, e ainda do ensino híbrido no contexto da educação superior.

Este *Livro de atas* reflete o carácter heterogéneo dos debates académicos sobre culturas na contemporaneidade, constituindo mais um passo, no longo caminho a percorrer, de afirmação da língua portuguesa como língua de ciência. Com efeito, de pouco adianta falar uma mesma língua, se essa circunstância não for acompanhada por sonhos de projetos e de trabalho a serem desenvolvidos em comum. E tem sido essa uma grande preocupação dos investigadores do CECS (Carvalho, 2019, entrevista a Moisés de Lemos Martins). Este *Livro de atas* é precisamente um produto desse trabalho científico sobre culturas, realizado pelo CECS em parceria com outras unidades de investigação no espaço da língua portuguesa. Dando continuidade à investigação desenvolvida no espaço lusófono, os trabalhos apresentados reforçam a necessidade de combater a “metafísica da unidade” (logocentrismo, etnocentrismo, clericalismo, imperialismo, colonialismo), que porventura possa afetar a ideia de diálogo intercultural, quando esta não reconhece as relações de poder e os processos de segregação e dominação social, que constituem sempre uma ameaça na relação entre os povos.

REFERÊNCIAS

- Cabecinhas R. & Cunha, L. (2017). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda. Retirado de http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/235

- Carvalho, C. (2019). Moisés de Lemos Martins. *MATRIZes*, 13(1), 93-106. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i1p93-106
- Costa, A. (2014). *Art and Artists in Mozambique: different generations and variants of modernity*. Maputo: Marimbique.
- Couto, M. (2009). Luso-Afonias. A Lusofonia entre Viagens e Crimes. In M. Couto (Ed.), *E se Obama fosse africano e outras Interintervensões* (pp. 183-198). Lisboa: Editorial Caminho.
- Hanna, V., Brito, R. & Bastos, N. (2011). Políticas da língua e lusofonia: aspectos culturais e ideológicos. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona: Lusofonia e Comunicação em Rede*, 159-175. Retirado de <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/782>
- Lourenço, E. (1999). *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem na Lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- Martins, M. L. (2010). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In C. Álvares & M. Damásio (Eds.), *Teorias e práticas dos média. Situando o local no global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/24250>
- Martins, M. L. (2011/12). Média digitais – hibridez, interatividade, multimodalidade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 43-44, 49-60. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/25606>
- Martins, M. L. (Ed.) (2015). *Lusofonia e interculturalidade - promessa e travessia*. Famalicão: Húmus. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39693>
- Martins, M. L. (2017) (Ed.). *A Internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas. O caso das Ciências da Comunicação*. Famalicão: Húmus. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/49365>
- Martins, M. L. (2018a). A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica - revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11(1), 3-11. DOI: 10.15448/1984-4301.2018.1.30438
- Martins, M. L. (2018b). Portuguese-speaking countries and the challenge of a technological circumnavigation. *Comunicação e Sociedade*, 34(2), 103-117. DOI: 10.17231/comsoc.34(2018).2938
- Martins, M. L. (2018c). Communication studies cartography in the Lusophone world. *Media, Culture & Society*, 40(3), 458-463. DOI: 10.1177/0163443717752812.

- Martins, M. L. (2019). A “crise dos refugiados” na Europa – entre totalidade e infinito. *Comunicação e Sociedade*, vol. especial, 21-36. DOI: 10.17231/comsoc.o(2019).3058
- Martins, M. L., Cabecinhas, R., Macedo, L. & Macedo, I. (Eds.) (2014). *Interfaces da lusofonia*. [e-book] Braga: CECS. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29765>
- Namburete, E. (2006). Língua e lusofonia: a identidade dos que não falam português. In N. Bastos (Ed.), *Linguística Portuguesa. Reflexões Lusófonas* (pp. 63-74). São Paulo: EDUC – IP/PUC.
- Ngomane, N. (2012, 6 de janeiro). Quem quer ser apagado? *Semanário Sol* – edição moçambicana.
- Sousa, H. (2018). Lusophone community in the digital age: the ambiguous place of scepticism and performance. *Media, Culture & Society*, 40(3), 451-457. DOI: 10.1177/0163443717752811

Citação:

Martins, M. L. & Macedo, I. (2019). Culturas, mídia e identidades: nota introdutória. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 8-14). Braga: CECS.